

NARRATIVAS DE MULHERES NEGRAS: CULTURA DE BASE AFRICANA E EDUCAÇÃO NO CARIRI CEARENSE

■ CICERA NUNES

<https://orcid.org/0000-0002-6352-8991>

Universidade Regional do Cariri

RESUMO

Este trabalho trata do papel das mulheres negras como transmissoras de práticas culturais de matriz africana no Cariri cearense. A pesquisa se fundamenta no diálogo teórico-metodológico com a abordagem (auto)biográfica na relação com a memória e a oralidade. As mulheres negras protagonizaram e protagonizam a história da população negra no contexto cearense, portanto, são figuras centrais na produção da cultura de matriz africana. As entrevistas narrativas realizadas com duas mulheres negras produtoras de cultura no Cariri cearense, Maria Juraci dos Santos Silva, Dona Iraci, da comunidade Chico Gomes, em Crato, no Ceará, e Maria Josefa da Conceição, Dona Maria de Tiê, da comunidade quilombola de Souza, em Porteiras, no Ceará, indicam: a) a existência de uma rede dinâmica de mulheres protagonistas e responsáveis pelas transmissões do legado afrodescendente caririense; b) um legado histórico da presença de mulheres negras no Cariri cearense; c) as possibilidades pedagógicas para o redimensionamento da educação que partam das africanidades locais.

Palavras-chave: Mulheres negras. Cultura de base africana. Educação.

ABSTRACT

NARRATIVES OF BLACK WOMEN: AFRICAN BASED CULTURE AND EDUCATION IN CARIRI CEARENSE

This work deals with the role of black women as transmitters of cultural practices of African origin in Cariri Ceará. The research is based on the theoretical-methodological dialogue with the (auto)biographical approach in relation to memory and orality. Black women played a leading role in the history of the black population in the context of Ceará, so they are central figures in the production of African-based culture. The narrative interviews conducted with two black women producing culture in Cariri Ceará, Maria Juraci dos Santos Silva, Dona

Iraci from the Chico Gomes community, in Crato, Ceará, and Maria Josefa da Conceição, Dona Maria de Tiê, from the quilombola community of Souza, in Porteiras, Ceará, they indicate: a) the existence of a dynamic network of women protagonists and those responsible for transmitting the Afro-descendant legacy of Caririense; b) a historical legacy of the presence of black women in Cariri Cearense; c) the pedagogical possibilities for the redimensioning of education that start from local Africanities.

Keywords: Black women. African-based culture. Education.

RESUMEN

NARRATIVAS DE MUJERES NEGRAS: CULTURA Y EDUCACIÓN DE BASE AFRICANA EN CARIRI CEARENSE

Este trabajo aborda el papel de la mujer negra como transmisora de prácticas culturales de origen africano en el Cariri cearense. La investigación se basa en el diálogo teórico-metodológico con el enfoque (auto)biográfico en relación a la memoria y la oralidad. Las mujeres negras jugaron un papel protagónico en la historia de la población negra en el contexto de Ceará, por lo que son figuras centrales en la producción de la cultura de origen africano. Las entrevistas narrativas realizadas a dos mujeres negras productoras de cultura en el Cariri cearense, Maria Juraci dos Santos Silva, Dueña Iraci, de la comunidad Chico Gomes, en Crato, en el Ceará, y María Josefa da Conceição, Dueña María de Tiê, de la comunidad quilombola de Souza, en Porteiras, en el Ceará, señalan: a) la existencia de una red dinámica de mujeres protagonistas y responsables de transmitir el legado afrodescendiente caririense; b) un legado histórico de la presencia de mujeres negras en Cariri cearense; c) las posibilidades pedagógicas para el redimensionamiento de la educación que parten de las africanidades locales.

Palabras clave: Mujeres negras. Cultura africana. Educación.

Para início de conversa

Não, eu não conheço essas Senhoras, nossas Yabás, donas de tantas sabedorias. (EVARISTO, 2016, p. 18)

Mulheres negras são sujeitos sociais e políticos na história do Brasil e ocupam um lugar importante no processo de formação cultural da nação. Embora se reconheça que homens e mulheres protagonizaram a resistência negra no contexto brasileiro, queremos aqui refletir

a partir das experiências desenvolvidas pelas mulheres negras nas ações de preservação da sabedoria ancestral. Jurema Werneck (2007), na sua tese de doutorado, intitulada *O samba segundo as ialodês: mulheres negras e a cultura midiática*, realizada no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), destaca que as mulheres tiveram participação fundamental

nesse processo, pois foram elas as principais responsáveis pelo processo de transferência da tradição pensada, (re)elaborada e (re)significada no contexto brasileiro.

Jurema Werneck tem formação em Medicina pela Universidade Federal Fluminense (UFF), tendo sido uma das fundadoras da Organização Não Governamental (ONG) Crioula (1996), que desenvolve importante trabalho na defesa da vida das mulheres negras e enfrentamento do racismo, machismo e lesbofobia. Jurema Werneck, ao longo da sua trajetória, tem atuado na defesa da população negra, com enfoque nos direitos humanos, da saúde e das políticas públicas para a equidade de gênero e raça (VARGAS, 2020). Na sua tese de doutorado, reflete sobre as estratégias contra-hegemônicas produzidas por mulheres negras no campo da vida cultural e política no Brasil: “Estratégias essas que podem ser vistas como contra-hegemônicas ou mais, como produtoras de novas hegemonias voltadas para atender às demandas das mulheres negras e mesmo de outras mulheres e homens” (WERNECK, 2007, p. 74).

A discussão proposta neste artigo¹ resulta do projeto de pesquisa intitulado “Mãos que educam: as mulheres negras e a produção da

cultura de matriz africana no Cariri cearense”, que teve como intuito dialogar com a trajetória sócio-histórica das mulheres que produzem a cultura de base africana nessa região do estado do Ceará, buscando compreender qual o papel que estas exercem na preservação e transmissão da cultura de base africana.

Os meus estudos de mestrado e doutorado realizados junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará (UFC), com enfoque nos rituais de coroação de reis negros e na relação com a afrodescendência no Cariri cearense (NUNES, 2007, 2010), possibilitaram traçar um panorama da presença negra na região e perceber que parte desse legado tem presença significativa das mulheres.

A África está presente nas práticas socio-culturais do Cariri cearense que se inserem nos movimentos de resistência negra que ressignificaram/ressignificam a cultura de base africana no contexto brasileiro. Na região localizada ao sul do estado do Ceará, identificamos diversos lugares da memória ancestral africana, como a forte presença das irmandades religiosas negras em devoção à Nossa Senhora do Rosário, a realização do ritual de coroação dos reis negros, os reisados, a presença quilombola, as marcas da tecnologia de base africana nas atividades econômicas da região: o cultivo da terra, a produção de açúcar nos engenhos, no patrimônio arquitetônico, nas artes protagonizadas pelos movimentos de juventude na contemporaneidade, na religiosidade de matriz africana, na presença da luta antirracista, nas diferentes formas de o povo caririense se relacionar com o mundo e com as diferentes experiências vividas.

As nossas experiências de parceria junto às organizações dos movimentos negros do Cariri cearense, com destaque o Grupo de Valorização Negra do Cariri (Grunec) e às comunidades quilombolas da região também atestam essa

¹ Este texto foi elaborado para o componente curricular “Pesquisa (auto)biográfica: perspectivas metodológicas” do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), ministrado pelo professor Elizeu Clementino de Souza, em 2020, período de estágio pós-doutoral, sob a supervisão da professora Joseania Miranda Freitas, do Programa de Pós-Graduação em Museologia (PPG-Museu) da Universidade Federal da Bahia (UFBA). O trabalho contou com a participação de Ana Cristina Leandro Nascimento, graduada em Pedagogia pela Universidade Regional do Cariri (URCA), Clessiana de Oliveira Lopes, graduada em Ciências Sociais pela URCA e mestranda em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), que atuaram como bolsistas de iniciação científica no levantamento dos dados; e Luiz Carlos Carvalho Siqueira, mestre em Educação pela URCA e doutorando em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), que atuou no primeiro momento da pesquisa como bolsista de iniciação científica no mapeamento da rede de mulheres.

presença. No contexto brasileiro, muitas mulheres negras criaram espaços de resistência e educação, potencializando as ações movidas por esses grupos. Na discussão proposta neste artigo, as mulheres que participaram do estudo são as guardiãs da tradição, responsáveis pela ressignificação do legado ancestral.

Buscamos, dessa forma, compreender qual a concepção que duas mulheres negras possuem sobre o seu papel de transmissoras das práticas simbólicas de matriz africana no Cariri cearense; como as histórias de vida dessas mulheres se articulam com as trajetórias de relação com o legado afroancestral; e como esse legado pode colaborar nas reflexões de formas de educação que dialoguem com as interculturalidades.

O trabalho insere-se no campo da abordagem (auto)biográfica com a utilização de entrevistas narrativas realizadas com duas mulheres negras do Cariri cearense, Maria Juraci dos Santos Silva, Dona Iraci, da comunidade Chico Gomes, em Crato, no Ceará; e Maria Josefa da Conceição, Dona Maria de Tiê, da comunidade quilombola de Souza, em Porteiras, também no Ceará, que indicam a existência de redes dinâmicas de mulheres protagonistas e responsáveis pelas transmissões do legado afrodescendente caririense.

Ao privilegiar a abordagem (auto)biográfica, concordamos com Passegi e Souza (2010, p. 10) quando destacam que esta se constitui como:

Uma aposta de caráter epistemopolítico, que coloca no centro do processo a capacidade humana de reflexividade autobiográfica do sujeito, permitindo-lhe elaborar táticas de emancipação e empoderamento suficientemente boas para superar interpretações culturais excludentes, que o oprimem.

Como parte desse processo, ao narrar as suas experiências com o legado ancestral de base africana, as mulheres, sujeitas deste es-

tudo, reinterpretam essas experiências a partir de um novo enredo, que não mudam os acontecimentos passados, mas os reinventam, reinventando-se com eles, aproximando-nos das suas experiências, tal como reforçam a autora e o autor supracitados.

A discussão proposta transita nas reflexões em torno da memória, do patrimônio cultural, da tradição oral e das identidades negras, numa relação com os territórios de maioria afrodescendente. Segundo Zubaran e Gonçalves e Silva (2012, p. 136), “Os territórios negros são os espaços onde se preservaram as práticas culturais de matriz africana e onde se construíram identidades negras positivas”.

As autoras destacam ainda a importância das memórias negras como fundamento e referência para a construção das identidades negras e para que se construa um sentimento de pertença étnico-racial. É nesse contexto que o estudo inter-relaciona educação e cultura, ao tempo que visibiliza o legado ancestral africano presente no Cariri cearense através dos conhecimentos carregados pelas mulheres.

Orientam as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (BRASIL, 2004) que se deve promover o registro da história não contada das populações negras brasileiras e as suas maneiras de ser e de viver, manifestas nas suas expressões cotidianas e nas suas (re)criações sobre o mundo, como parte importante no processo de formação humana e de compreensão da sociedade brasileira no passado e no presente.

Diante do exposto, o estudo assume o compromisso com uma educação que reconhece a população negra como produtora de conhecimento importante na nossa relação com o mundo, na compreensão da sociedade brasileira e no enfrentamento do racismo. É reivindicação histórica das organizações dos movi-

mentos negros que a escola, a universidade e a educação, de forma geral, positivamente essa relação e estabeleçam pertencimentos que afirmem a importância da população negra na formação social e cultural da sociedade brasileira. Nesse contexto, espera-se contribuir na (re)significação positiva da mulher negra cearense, sua história e sua cultura.

Narrativas de mulheres negras: cultura, memória e ancestralidade

Mas eu nunca esquecera a minha mãe. Reconhecia a importância dela na minha vida, não só dela, mas de minhas tias e de todas as mulheres da minha família. E também, já naquela época, eu entoava cantos de louvor a todas as nossas ancestrais, que desde a África vinham arando a terra da vida com as suas próprias mãos, palavras e sangue. (EVARISTO, 2016, p. 18).

Compreendemos a cultura negra como a herança africana recriada e ressignificada ao contexto brasileiro e que se encontra num processo contínuo de criação, recriação, significação e ressignificação, ao tempo que dialoga com as referências culturais das populações indígenas e de outros grupos étnicos. Para Werneck (2007), a cultura negra se afirma no território de complexidade, encontrando-se em constantes negociações, alianças e deslocamentos, produzidos por cenários diversificados que têm relevância social para a memória, a identidade e a formação da sociedade brasileira.

Reconhecemos que há experiências históricas específicas das populações negras que se relacionam com um processo permanente de criação e recriação da sua cultura, no entanto historicamente não foram bem representadas na história e cultura brasileiras, consequências do racismo estrutural que tem se processado no nosso país. Isso tem gerado dificuldades no entendimento da produção e ressignificação

da cosmovisão africana, como fruto de uma elaboração pensada e alicerçada no uso da razão (CUNHA JUNIOR, 2001).

Assim, interessa-nos problematizar essas representações hegemônicas de forma a contribuir com espaços educativos que de fato estabeleçam diálogos interculturais, permitindo-nos o acesso a diferentes referências identitárias. Freitas (2004) nos lembra que os grupos afrodescendentes reivindicam os registros das suas histórias através de ações sociais, culturais e educativas, bem como promovem ações de enfrentamento do racismo. Nesse contexto, é importante considerar “[...] a demarcação de uma memória histórica específica, que não foi compartilhada pela coletividade, mas que deve ser reconhecida por todos em função de sua profunda relevância para a cultura nacional” (LIMA, 2014, p. 8).

Cunha (2017) nos ajuda a refletir que o direito à memória está enquadrado no campo dos direitos difusos, que se fundamenta no princípio de que estes direitos devem atingir a todos os indivíduos, de forma coletiva, ainda que não sejam reivindicados. O autor pontua que “Lembrar e ser lembrado é fenômeno que toca toda a humanidade, sem exceção. Somos humanos, entre outras coisas, porque lembramos, registramos e reproduzimos nossas memórias” (CUNHA, 2017, p. 78). Com isso, o cenário de disputas em torno do reconhecimento das identidades está em relação direta com a construção de uma memória positiva que considere a pluralidade da sociedade brasileira e, com isso, reconheça o protagonismo histórico da população negra.

Reis e Freitas (2010) destacam o protagonismo feminino quando ressaltam que, no Brasil Colônia, o cuidado com o outro sempre esteve presente entre as mulheres negras e se manifestava no alimento preparado pelas quituteiras no cuidado com as crianças, na orientação espiritual nos espaços de resistência

política e nos espaços de educação. No Cariri cearense, mulheres têm importância no contexto da luta antirracista. O protagonismo dos movimentos negros na região tem evidenciado essa presença no passado e no presente e revelado que o conhecimento ancestral também tem sido tecido pelas mãos femininas.

São reflexões perpassadas, em especial, pelas “escrevivências” de mulheres/escritoras negras, como Conceição Evaristo (2020) e Carolina Maria de Jesus (1986), que nos convidam a repensar esse lugar de invisibilidade, mas principalmente das diversas formas de existir e resistir e das experiências de tantas outras mulheres que tecem uma relação com o mundo que não cabe no espaço da escrita. Desse modo, as narrativas das mulheres participantes deste estudo nos remetem à importância da oralidade e da ancestralidade na reconstrução das memórias negras. A dimensão da ancestralidade mostra-se como elemento constitutivo dos testemunhos inscritos nas memórias individual e coletiva que nos chegam através da voz dessas mulheres.

A pesquisa narrativa

Passegi e Souza (2010), ao tratarem dos princípios epistemológicos e teórico-metodológicos da pesquisa (auto)biográfica, informam que esta tem como tarefa analisar os modos como os indivíduos dão forma às suas experiências e sentido à existência ao se relacionarem com o outro, a qual é guiada por três grandes princípios, quais sejam: a construção da realidade pelo sujeito; a linguagem como elemento mediador da construção da realidade e do trabalho de interpretação dos fatos; e a defesa de que a pesquisa (auto)biográfica diz respeito, acima de tudo, a um posicionamento epistemopolítico.

Guiadas pelas reflexões da abordagem (auto)biográfica, buscamos compreender, atra-

vés das entrevistas narrativas, como as mulheres que produzem a cultura de base africana no Cariri cearense se relacionam com o legado ancestral e dão significado a esses conhecimentos, ao tempo que cuidam deles para que permaneçam vivos, garantindo a sua transmissão para as gerações mais novas.

Compreendemos a entrevista narrativa tal como explicitado por Jovchelovitch e Bauer (2008), como uma forma não estruturada, de profundidade. Os autores informam que esse tipo de entrevista se contrapõe ao modo pergunta-resposta, pois utiliza-se da comunicação cotidiana, do contar e escutar histórias, respeitando-se a linguagem espontânea, mas sem desconsiderar que esta não é neutra, mas constitui uma visão particular.

O exercício de escuta sensível guiou-nos na relação com duas mulheres: Dona Maria de Tiê, dançadeira de coco e integrante da comunidade quilombola de Souza, no município de Porteiras, no Ceará; e Dona Iraci, mezinheira da comunidade Chico Gomes, em Crato, no Ceará, ajudando-nos a compreender qual a concepção que essas mulheres negras possuem sobre o seu papel de transmissoras das práticas simbólicas de matriz africana no território cearense, compreender a relação com a ancestralidade e com os conhecimentos advindos da tradição oral. As entrevistas aconteceram com a realização de um diálogo aberto, tendo sido estimulada a livre expressão das participantes da pesquisa.

Dessa forma, aprofundamo-nos nas histórias de vida dessas mulheres através do “[...] encontro entre o indivíduo e o social, entre o presente e o passado, quando a vida individual e coletiva é analisada conjuntamente para construção do presente” (REIS, 2013, p. 66).

As duas mulheres negras selecionadas foram referenciadas pelo movimento negro local e têm estabelecido relação com as ações acadêmicas desenvolvidas pelo Núcleo de Estudos

e Pesquisas em Educação, Gênero e Relações Étnico-Raciais (Negrer) do Departamento de Educação da Universidade Regional do Cariri (URCA), em especial durante as ações desenvolvidas pelo Congresso Artefatos da Cultura Negra, do qual esse núcleo participa como realizador junto com outras instituições como a Pró-Reitoria de Cultura da Universidade Federal do Cariri (UFCA), o Grunec, o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE), *campus* Juazeiro do Norte e a Associação Libertária de Desenvolvimento e Educação Interativa (Aldeias), uma ação que mantém relação com os conhecimentos produzidos nos territórios afrodiáspóricos nos contextos urbanos e rurais da região. Desse modo, buscamos reconhecer o protagonismo dessas mulheres negras, suas estratégias e práticas de transmissão do legado de base africana por meio das entrevistas narrativas.

As reflexões também nos chegam através do GRUNEC e da Cáritas Diocesana de Crato, que, nos anos de 2010 e 2011, realizaram mapeamento das comunidades rurais negras e quilombolas do Cariri cearense. Na ocasião, o mapeamento apontou a presença de comunidades em 13 municípios da região: Aurora, Crato, Missão Velha, Jardim, Jati, Porteiras, Mauriti, Milagres, Araripe, Várzea Alegre, Potengi, Assaré e Salitre. Dessas, seis são certificadas como comunidades quilombolas pela Fundação Cultural Palmares: Serra dos Chagas, Arapuça e Lagoa dos Crioulos, em Salitre; Arrudas, em Araripe; Carcará, em Potengi; e Souza, em Porteiras. No Crato, foram identificadas as comunidades rurais negras: Catingueira, Angicos, Currais, Luanda, Serrinha e Chico Gomes.

Desse modo, a comunidade Chico Gomes e o quilombo de Souza entram na pauta dos nossos estudos. Nesses territórios, encontramos com Dona Iraci e Dona Maria de Tiê, que nos contaram as suas histórias e reafirmaram que muitas mulheres têm participação

ativa no contexto de resistência e de cultura carirenses.

Meizinheiras do Pé de Serra – “Saúde é felicidade”

A prática da meizinha envolve a (re)conexão com a natureza e o uso dos conhecimentos populares em saúde. Trata-se de um saber antigo, caseiro, repassado através das gerações, mediado pelas práticas comunitárias, solidárias, numa conexão com a ancestralidade que compreende a saúde “[...] como um estado de bem-estar amplo e para além da ausência de doenças” (CRATO, s/d, p. 10).

As mulheres meizinheiras da comunidade Chico Gomes foram as primeiras a receber o apoio da Cáritas Diocesana de Crato no processo de organização e propagação dos seus conhecimentos sobre as plantas e a natureza, conforme informa Manoel Leandro do Nascimento na cartilha intitulada “Meizinheiras do Pé de Serra”, publicada por essa instituição como parte de um projeto que se propôs à criação do Grupo de Meizinheiras do Pé da Serra, colocando a saúde como essencial no desenvolvimento social e comunitário. A cartilha informa que:

A experiência envolveu iniciativas preexistentes das comunidades do Chico Gomes, Bata-teira e Jenipapo que se encontravam isoladas. Hoje agrega 18 pessoas – 02 homens e 16 mulheres – que juntos difundem a harmonia com a natureza e o bem-estar físico, psíquico, social e espiritual como sinônimo de Saúde. Para as Meizinheiras do Pé da Serra, saúde é felicidade! (CRATO, s/d, p. 9).

Dona Iraci, como é mais conhecida na comunidade, recebeu dos seus pais o nome de Maria Juraci dos Santos Silva. Natural de Barbalha, Ceará, vive na cidade de Crato há cerca de 60 anos e na comunidade Chico Gomes há mais de 40 anos. Na entrevista, ela não infor-

ma exatamente há quanto tempo mora na comunidade Chico Gomes. Foi nessa localidade, na companhia de outras mulheres, como Dona Peinha e Dona Rina, que também exercem o ofício de mezinheiras, que ela começou a se envolver mais diretamente com esse conhecimento que carrega da relação com as pessoas que a antecederam.

Na comunidade, existe o Grupo Urucongo de Artes, que envolve crianças jovens e pessoas adultas que se mobilizam através das manifestações culturais para contar as suas histórias e fortalecer as suas culturas. Foi a partir desse grupo que Dona Iraci passou a se reunir com outras mulheres da comunidade que tinham em comum o conhecimento sobre as plantas medicinais.

Sobre o projeto criado pela Cáritas Diocesana de Crato e que também conta com o apoio do GRUNEC, Dona Iraci informa com alegria que: *“Minha filha, eu acho que já tem mais de cinco anos que nós trabalha nesses remédios. Esse projeto já foi registrado. Nós temos registro; nós temos a cartilha; nós temos o CD. Projeto das Mezinheiras, Cáritas e Grunec”*.

São as mulheres mais velhas, em sua maioria, as detentoras dos conhecimentos ancestrais sobre o uso de plantas medicinais na comunidade do Chico Gomes, o que lhe concede um lugar de prestígio. O fato de essas mulheres estarem organizadas com outros coletivos de mulheres contribui para o fortalecimento de suas práticas e possibilita reflexões acerca de suas ações e papéis sociais, colaborando, assim, para a criação de novas subjetividades, para o rompimento de marcas históricas de medo e subjugação.

A fala de Dona Iraci revela que essas mulheres possuem conhecimentos ancestrais que são repassados através da oralidade e das práticas cotidianas, das gerações mais velhas para as mais novas. Ela conta que recebeu o legado da sua mãe, que lhe repassou tudo o

que sabia da relação com a natureza:

Faz muito tempo! E, quando eu comecei a fazer com minha mãe, não porque minha mãe fazia só pra nós, de casa, ela não tinha essa coisa de fazer... esse tempo era muito cansado, porque, no tempo da minha mãe, ela usava remédio só em casa; se a gente adoecesse, ela fazia um banho; se a gente tivesse um menino em casa, ela tinha aquele carinho, aquele cuidado de todo banho pra gente se assear todo dia... Aí, com ela mesmo... eu via ela fazendo e já aprendi a fazer. Me casei, fui pra minha casa, também não fui pedir mais pra ela fazer remédio pra meus filhos, eu mesma fazia. (IRACI, 2018).

Dona Iraci revela que seu saber sobre ervas medicinais é advindo de sua ancestralidade, o qual foi se constituindo e sendo repassado para seus filhos e filhas através da vivência cotidiana. Nesse contexto, as mais velhas e os mais velhos têm uma importância fundamental. O repasse desse conhecimento, porém, não fica restrito às pessoas de sua casa, uma vez que ela recebe grupos de estudantes, pesquisadores e outros profissionais com quem compartilha o que sabe através da oralidade, como destaca na fala a seguir:

Eu nunca estudei, eu nunca fui numa escola, minha filha. Todo esse saber que eu tenho na minha cabeça é da minha memória; tudo pela experiência da vida. Tudo já veio das raiz, é como se diz, tudo já veio das raiz. Como que já veio das raiz? Que veio de nossos pais, que veio de nossas mães, minha mãe. Meu pai já puxou de quem? Dos pais dele. Dos pais dele que eles já puxaram. Pra quê? Pra ensinar a nós, pra nós ver eles fazendo e nós aprender. Essa entrevista que eu sempre dou nos grupos. O dizer que veio da raiz, que a raiz são os nossos pais. Nossos pais puxaram dos pais deles e deixou pra nós, e nós quer deixar pra nossos filhos. E assim a rama vai estirando, a rama estirando. (IRACI, 2018).

Dona Iraci ressalta que o cultivo das plantas é produção caseira; tudo é feito nos quintais e terreiros da comunidade e vem de uma relação antiga com a terra e a natureza:

É! Olha! Isso dali é malva-do-reino. Ali tem um cercado que tem pé de colônia. Eu tenho de aruda; tenho pé de manjeriço; pé de hortelã. Até um pé de pimenta-do-reino eu tenho ali. Ai nós aqui é assim: nossos lambedor é pra... nós faz e muita gente que compra; graças a Deus, se dá muito bem; muito bem mesmo. (IRACI, 2018).

Ao se referir à sua infância, lembra das tarefas domésticas e do trabalho na roça, o que corrobora a afirmação de que o trabalho sempre esteve presente na vida de mulheres pobres e negras.

Trabalhava; eu era da roça. Rapava mandioca, ponhava arroz, lavava goma, farinha; fui da roça, plantava alho. Ainda hoje eu gosto da roça, e as meninas briga é muito com eu. Quando é tempo de colher, quem chega aqui de manhã não me encontra, não; tô na roça. Sentava numa roda de mandioca assim. Meu pai era da roça, nós era dentro. Todo final de semana nós tava numa casa de farinha. Hoje minhas filhas não sabem o que é nada não. Elas não sabem o que é lavar uma goma; não sabem o que é torrar farinha, prensa, essas coisas elas não sabem. Acho que realmente da sua geração não sabe, não existe. Pois é, vocês não sabem o que é isso, e eu sei. Recebem tudo pronto, mas nós não. (IRACI, 2018).

Embora não tenha frequentado a escola, Dona Iraci compreende que o conhecimento não se restringe apenas à educação formal, pois ela se reconhece como detentora de conhecimentos importantes na formação humana. Conhecimentos esses que ela partilha e amplia em espaços educativos os mais diversos, com a comunidade e com os grupos de escolas e universidades que a procuram.

Passo dia todo em circo de gente conversando; o que você souber fazer você tem que dar o detalhe ali. Se você souber fazer um chá, você tem que dizer; se você souber fazer um lambedor, você tem que dizer e tem que dizer pra que é que serve; é muito importante. Se ele vai falar num problema de malva-do-reino, pra que é que serve malva-do-reino? Pronto, ali corre o circo todim só falando de malva-do-reino: se

malva-do-reino é cicatrizante; se malva-do-reino é cicatrizante e serve pra inflamação; malva-do-reino não serve só pra uma tosse, não, malva-do-reino serve para muita coisa; se você tá com uma inflamação, então o remédio é malva-do-reino: você pega o sumo da malva-do-reino, você junta com a malva-coronha; você sabe o que é malva-coronha? (IRACI, 2018).

Nesse contexto, remetemo-nos à importância da palavra no pensamento tradicional africano, pois é uma forma importante de comunicação com as gerações presentes e com as antepassadas. Padilha (2007, p. 37) ressalta essa importância entre o povo angolano:

Tudo dentro do espaço da vida comunitária africana se construiu/destruiu, por séculos, pela eficácia da voz que tanto re(ins)taurava o passado quanto impulsionava o presente, como anunciava o futuro, antes e durante os séculos de dominação branco-européia [sic], quando a escrita não era um patrimônio cultural do grupo.

Dona Iraci demonstra interesse que haja o repasse, uma vez que se percebe na transmissão uma forma de garantir que esse conhecimento se perpetue. O fato de estudantes a procurarem revela que a sua contribuição para a educação atinge também a modalidade da educação à qual ela não teve acesso. Ela manifesta alegria em compartilhar esse conhecimento:

A gente ir pra escola pra dá o detalhe? Não. Eu recebo em casa. A gente recebe os grupos aqui que vêm das faculdades. Diversos grupos vêm; esses que tão fazendo faculdade; os que estão estagiando pra ser médico na Medicina a gente recebe aqui. Vêm os ônibus cheios; tão canse de vim. Quando eles vêm, avisam. Às vezes, vêm até pra fazer trilha; às vezes, vêm pra roda de conversa. A gente faz almoço; eles preferem comprar o almoço, aí a gente faz, nós faz por nossa conta. Agora mesmo, esse menino meu disse que, daqui pro dia 30 ou é 28, disse que vai trazer a turma dele. Ele disse: 'Mãe, vai vim umas 30 pessoas e tudo tão estagiando pra doutor, enfermeiro, agente de saúde'. (IRACI, 2018).

Com isso, reconhece-se como parte de uma experiência histórica importante no processo de pertencimento e afirmação identitária. Identidade essa que Dona Iraci (2018) faz questão de afirmar com orgulho: “*Me reconheço como sou: negra! Nós somos negras, né não? Me reconheço como negra e negra sou!*”.

Dona Maria de Tiê – “Nós somos quilombolas da Chapada do Araripe”

Maria Josefa da Conceição, mais conhecida como Maria de Tiê, nasceu no dia 18 de março de 1959 na comunidade quilombola de Souza, em Porteiras, no Ceará. Essa mulher, que exerce liderança política importante na sua comunidade e carrega um saber ancestral expressado na fala, na dança, na expressão corporal, que se manifesta, em especial, através da dança de coco.

As suas toadas atravessam Porteiras e ela já se apresentou em várias cidades e em outros estados. Além de receber frequentemente na sua comunidade grupos de pessoas de escolas, de universidades e de outros segmentos para conhecer sua cultura. Em 2018, foi reconhecida pelo governo do estado como Mestre de Cultura do Ceará através do edital “Tesouros Vivos da Cultura”.

O coco é uma manifestação cultural presente no Nordeste brasileiro, em centros urbanos e rurais, nas serras e áreas litorâneas, com uma procedência muito forte nas áreas rurais e nas comunidades quilombolas. Nunes e Masullo (2015, p. 190) informam que:

A prática do coco envolve a dança – com movimentos de sapateado, ou movimentos de roda, ou movimentos de capoeira, dança em pares ou em fileiras – batidas de palma de mão, música cantada e tocada por seus participantes e mestres, que são acompanhados por instrumentos percussivos de batuque (quase sempre ganzá,

alfaia, pandeiro e caixa) ou de cordas (violão de sete ou dez cordas) numa atitude alegre, que agrega e envolve as pessoas, festeja, diverte e encanta [...].

Na comunidade quilombola de Souza, é no terreiro das casas que se aprende o coco com as mais velhas e mais velhos como um elemento de integração comunitária: Dona Maria de Tiê (2019) lembra da sua entrada no coco ainda na infância e do incentivo que recebeu do pai:

E então: é uma história longa; eu de criança, coisa longa que veio do incentivo do meu pai, dos colegas dele que inventaram essa cultura da dança do coco, que nesse tempo eles não sabiam que ia ser uma cultura, que nós era tudo criança, aí então se ajuntava meu pai na maraca, o colega dele no pandeiro, e eles arrastava aquela toada, que nesse tempo não se existia negócio que tem hoje, nesse tempo não tinha, só tinha essas brincadeira da dança do coco e o maneiro-pau, a dança do reisado, a banda caçaçal.

No quilombo, os valores sociais, ancestrais e políticos protagonizam a história local (SANTOS; CUNHA JUNIOR, 2019). Os autores reforçam que os quilombos são territórios negros onde se mantêm visões de mundo e práticas culturais que vinculam sua memória à ancestralidade africana e afro-brasileira; nesse contexto, essas populações estão numa “[...] relação constante com o patrimônio material e imaterial da cultura negra como base de suas existências” (SANTOS; CUNHA JUNIOR, 2019, p. 585). Zubaran e Gonçalves e Silva (2012, p. 136) nos ajudam na compreensão do conceito de territórios negros na relação com a discussão sobre memória, patrimônio cultural e identidades negras:

Os territórios negros marcam os lugares de memórias negras, desde os diversos espaços de trabalho do negro nas cidades aos espaços destinados às suas manifestações culturais, que incluem, além das práticas culturais coti-

dianas, as práticas de resistência negra à escravidão e ao racismo. Os territórios negros são os espaços onde se preservaram as práticas culturais de matriz africana e onde se construíram identidades negras positivas.

No entanto, assumir-se negro e quilombola nem sempre é fácil, pois o racismo produz dificuldades no processo de afirmação identitária e de pertencimento com o ser quilombola. Nesse contexto, a relação com a história e a cultura – de uma importância fundamental – e o conhecimento dos mais velhos e mais velhas nos ajudam a reafirmar esse pertencimento. No contexto da comunidade quilombola de Souza, a criação da associação é destacada na fala de Dona Maria de Tiê (2019) como uma ação importante nesse processo:

Criamos uma associação, aí da associação que nós criamos foi como fomos ter conhecimento, o povo foram divulgar o quilombo; o quilombo [...] antigamente tinha, mas não era reconhecido, não era divulgado [...].

Nos depoimentos percebe-se que essas mulheres se mostram – mesmo que involuntariamente – como interventoras da realidade em que vivem através das práticas que exercem. Para Maria de Tiê (2019):

[...] Porque, se não fosse uma pessoa do sangue que enfrentasse, essa tradição não ia pra frente. Os quilombola ia se acabar. Então eu disse: 'Eu aceito!'. O que meu pai... eles brincava...

Essa narrativa expressa o papel desempenhado pela cultura tradicional da comunidade como um elemento importante no processo de organização de seu povo e como as práticas ancestrais exercidas por essas mulheres têm se mostrado como uma forma de resistência e de luta pelo direito à cidadania. O preconceito enfrentado por ela e a dificuldade de as pessoas se assumirem negras expõem ainda as marcas nocivas de uma construção social e histórica. Ressaltamos que mulheres negras

e homens negros criaram estratégias de resistência à escravização, o que perdurou no pós-abolição, organizando ações políticas, culturais e educativas e propondo políticas antirracistas. Cabe pontuarmos também que muitas mulheres negras são lideranças em suas comunidades, apresentam-se como guardiãs da cultura e praticam o cuidado.

No quilombo de Souza, a música e a dança são elementos de resistência, por meio das quais se reivindicam melhores condições de vida, sendo também elementos de afirmação da identidade étnica, por meio das quais são produzidos conhecimentos importantes no reconhecimento do legado africano no Cariri cearense. A mulher protagoniza a relação com essa história, como manifestado na fala de Dona Maria de Tiê (2019) que ressalta a importância do coletivo no fortalecimento das ações políticas da comunidade:

Às vezes, eu tô só, tem vez que eu tô sozinha, mas essa daqui mais outra, c'um pouco tem um monte mais eu.

Nessa comunidade, a dança e a música estão presentes em todos os momentos, através das quais os integrantes manifestam as suas histórias de vida e sua relação com a memória ancestral. Com isso, ocupam lugar importante na formação intelectual, espiritual e humana das crianças, jovens e adultos inseridos nesse contexto (VIDEIRA; NUNES, 2016). Mas também têm importância na saúde física e mental e na relação com a espiritualidade. "É como o médico disse: que é uma física pra nós, até que o problema do coração, o médico do coração eu disse a ele que eu tinha essa brincadeira, eu disse a ele, quanto mais a senhora dançar, mais a senhora alegre o coração [...]" (MARIA DE TIÊ, 2019).

Assim como no depoimento de Dona Iraci, o discurso de Dona Maria de Tiê sinaliza que a tradição oral garante a transmissão do conhe-

cimento, sendo as mais velhas e os mais velhos os detentores desse legado. Cuida-se para que se mantenha vivo, como uma herança sagrada.

Aí então... nessa tradição que eu comecei, eu comecei com as cantigas que meu pai cantava mais minha mãe; fazia aquelas toadas da noite. Minha mãe levava na segunda aquelas toadas... então eu comecei causa que ele cantava. Depois, como é que se diz... a gente se vira, a gente faz da gente mesmo, né? Essas cantigas que eu cantei tudo é minha, que eu fiz. (MARIA DE TIÊ, 2019).

Nesse sentido, a fala de Dona Maria de Tiê (2019) evidencia o quanto as práticas exercidas por essas mulheres contribuem para essa relação:

Meu conhecimento na comunidade tá sendo a tradição! E é isso meu conhecimento na comunidade. Tá muita gente vindo atrás da tradição, em conhecer a minha história, a história dos quilombolas. Tô com minha tradição, tô indo até o dia que Deus quiser [...].

Reflexões que não se encerram

As narrativas dessas duas mulheres revelam que elas se reconhecem como detentoras de conhecimentos e manifestam o interesse no seu repasse. Dona Iraci (2019) diz: *“Sou feliz em dar o meu saber pra vocês. Quero muito que vocês aprendam. É você, e mais, e mais que venham me procurar. Eu quero que aprendam, minhas filhas, meus filhos, porque, quando nós se for, fica a fama e o saber pra vocês”*.

Conhecimentos que fazem questão de partilhar e ampliam em espaços de produção de conhecimento com a comunidade e/ou com grupos de escolas e universidades que procuram, pois veem nessa relação uma forma de garantir que seu legado permaneça vivo. O fato de as estudantes as procurarem revela que a contribuição que essas mulheres dão para a educação atinge também a modalidade educativa a que parte delas não teve acesso

e demonstra, assim, a importância da ampliação e valorização de espaços educativos que sejam capazes de contemplar essas práticas. É através das ações que exercem que elas manifestam sua solidariedade e compromisso com o social.

Além disso, as narrativas expressas por essas mulheres demonstram a relação que elas estabelecem com o território onde habitam. No relato de Dona Maria de Tiê, o lugar onde mora é o lugar onde morou seu bisavô, é onde ela cresceu dançando o coco; para Dona Iraci, é o lugar onde ela planta suas ervas medicinais e de onde ela retira as raízes e cascas para seus chás. É onde todas elas criaram seus filhos e resistem. É o lugar que abriga não apenas seus corpos, mas as suas lembranças, histórias e subjetividades. É o lugar de pertencimento que precisa ser reconhecido pela educação brasileira como conhecimento importante nos currículos escolares, de forma a construir “[...] uma educação afroreferenciada que potencialize o pertencimento de estudantes negras(os) e não negras(os) [...]”, tal como proposto por Silva e Petit (2019, p. 545).

Mulheres e homens afro-brasileiras(os) preservaram um rico patrimônio cultural, material e imaterial, de matriz africana, que se expressa por meio da oralidade e está presente nas formas de festejar, nas religiosidades, nos ervanários, na música, na dança e nas diversas formas de expressão dos corpos negros nas cidades, no campo, nos quilombos tradicionais e urbanos, como nos lembram Zubaran e Gonçalves e Silva (2012). É a partir desse legado, protagonizado por mulheres negras do Cariri cearense, que nos propomos a dialogar com uma proposta de educação que humanize esses conhecimentos, como foi exposto neste artigo.

Reconhecemos, nesse contexto, que o trabalho com a história e a cultura africana e afro-brasileira estabelece compromisso com

a descolonização da educação, do currículo e do questionamento dos paradigmas eurocêntricos que historicamente inferiorizaram esses grupos, não os reconhecendo como produtores(as) de conhecimentos e impactando negativamente os processos de vida desses(as) sujeitos sociais.

Referências

BRASIL. Parecer CNE/CP nº 3, de 10 de março de 2004. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 19 maio 2004. Disponível em: http://portal.inep.gov.br/informacao-da-publicacao/-/asset_publisher/6JYISGMAMkW1/document/id/488171. Acesso em: 16 out. 2020.

CRATO, Cáritas Diocesana de. **Revista Mezinheiras do Pé de Serra**. Crato: s/d.

CUNHA JUNIOR, Henrique. Africanidade, afrodescendência e educação. **Educação em Debate**, Fortaleza, v. 23, n. 42, p. 5-15, 2001. Disponível em: http://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/14604/3/2001_art_hcunhajr.pdf. Acesso em: 16 out. 2020.

CUNHA, Marcelo Nascimento Bernardo da. Museus, memórias e culturas afro-brasileiras. **Revista do Centro de Pesquisa e Formação**, São Paulo, n. 5, p. 78-88, 2017. Disponível em: <https://www.sescsp.org.br/files/artigo/4e6f109d/d1c0/4350/953c/c36cbae0f9fc.pdf>. Acesso em: 16 out. 2020.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro: Pallas, 2016.

FREITAS, Joseania Miranda. O carnaval afro-brasileiro em Salvador: patrimônio da cultura brasileira. In: CONGRESSO LUSO-AFRO-BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS: A QUESTÃO SOCIAL NO NOVO MILÊNIO, 8., 2004, Coimbra. **Anais...** Coimbra: Universidade de Coimbra, 2004.

JESUS, Carolina Maria de. **Diário de Bitita**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin W. Entrevi-

ta narrativa. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (Ed.). **Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 90-113.

LIMA, Alessandra Rodrigues. Reconhecimento do patrimônio cultural afro-brasileiro. **Revista Palmares: Cultura Afro-Brasileira**, Brasília, DF, v. 10, n. 8, p. 6-15, 2014. Disponível em: <http://www.palmares.gov.br/wp-content/uploads/2014/12/revista-palmares-2014-baixa.pdf>. Acesso em: 16 out. 2020.

NUNES, Cicera. **O Reisado em Juazeiro do Norte-CE e os conteúdos da História e Cultura Africana e Afrodescendente: uma proposta para a implementação da Lei nº 10.639/2003**. 2007. 154 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007. Disponível em: http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/2982/1/2007_dis_cnunes.pdf. Acesso em: 16 out. 2020.

NUNES, Cicera. **Os congos de milagres e africanidades na educação do Cariri cearense**. 2010. 147 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010. Disponível em: http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/2989/1/2010_tese_cnunes.pdf. Acesso em: 16 out. 2020.

NUNES, Cicera; MASULLO, Alessandra. Contribuições da cultura africana e afrodescendente à escola: reflexões a partir da dança do coco. In: MACHADO, Freire; ALVES, Maria Kellynia Farias; PETIT, Sandra Haydée (org.). **Memórias de Baobá II**. Fortaleza: Imprepe, 2015. p. 188-204.

NUNES, Cicera; VIDEIRA, Piedade Lino. O marabaixo do Amapá e o reisado do Cariri cearense: diálogo entre arte/cultura negra e relações. In: SANTIAGO, Stella Márcia de Moraes; DANTAS, Nozângela Maria Rolim (org.). **Aspectos da diversidade na perspectiva da educação**. Campina Grande: UFCG, 2016. p. 83-97.

PADILHA, Laura Cavalcante. **Entre a voz e a letra: o lugar da ancestralidade na ficção angolana do século XX**. Niterói: UFF; Rio de Janeiro: Pallas, 2007.

PASSEGGI, Maria Conceição da; SOUZA, Elizeu Cle-

mentino de. O movimento (auto)biográfico no Brasil: esboços de suas configurações no campo educacional. **Investigación Cualitativa**, Madrid, v. 2, n. 1, p. 6-26, 2010. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/317673701_o_movimento_autobiografico_no_brasil_esboco_de_suas_configuracoes_no_campo_educacional. Acesso em: 16 out. 2020.

REIS, Josélia Ferreira dos; FREITAS, Rita de Cássia Santos. De matriz africana: o papel das mulheres negras na construção da identidade feminina. In: FAZENDO GÊNERO, 9., 2010, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: UFSC, 2010. Disponível em: http://www.fg2010.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1277935780_arquivo_dematrizafricana_textocompleto.pdf. Acesso em: 16 out. 2020.

REIS, Maria Conceição dos. **Educação, identidade e história de vida de pessoas negras doutoras**. Recife: UFPE, 2013.

SANTOS, Ana Paula dos; CUNHA JUNIOR, Henrique Cunha. Experiência educativa em comunidade quilombola caririense: pedagogia de quilombo. **Debates em Educação**, Maceió, v. 11, n. 23, p. 583-597, 2019. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/debateseducacao/article/view/6210/pdf>. Acesso em: 16 out. 2020.

SILVA, Samuel Moraes; PETIT, Sandra Haydée. Movimentando a Lei nº 10.639/03 na integridade da es-

cola à luz da pretagogia: uma experiência potencializadora no Cariri cearense. **Debates em Educação**, Maceió, v. 11, n. 23, p. 543-554, 2019. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/debateseducacao/article/view/6211>. Acesso em: 16 out. 2020.

VARGAS, Regina Nobre. Jurema Pinto Werneck. **Revista da ABPN**, Uberlândia, v. 12, n. 33, p. 697-702, 2020. Disponível em: <https://www.abpnrevista.org.br/index.php/site/article/view/1037/905>. Acesso em: 16 out. 2020.

WERNECK, Jurema Pinto. **O samba segundo as ia-lodês: mulheres negras e a cultura midiática**. 2007. 315 f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: http://www.pos.eco.ufrj.br/site/download.php?arquivo=upload/tese_jwerneck_2007.zip. Acesso em: 16 out. 2020.

ZUBARAN, Maria Angélica; GONÇALVES E SILVA, Petronilha Beatriz. Interlocações sobre estudos afro-brasileiros: pertencimento étnico-racial, memórias negras e patrimônio afro-brasileiro. **Currículo sem Fronteiras**, [S.l.], v. 12, n. 1, p. 130-140, 2012. Disponível em: <https://www.curriculosemfronteiras.org/vol12iss1articles/zubaran-silva.pdf>. Acesso em: 16 out. 2020.

Recebido em: 09/01/2021

Aprovado em: 09/09/2021

Cicera Nunes é doutora em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professora adjunta do Departamento de Educação da Universidade Regional do Cariri (URCA). Realizou estágio de pós-doutorado junto ao Programa de Pós-Graduação em Museologia da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Professora Permanente do Mestrado Profissional em Educação e do Mestrado Profissional em Ensino de História da URCA. Coordenadora do Núcleo de Estudos em Educação, Gênero e Relações Étnico-Raciais (Negrer) da URCA. Membro da coordenação do Congresso Artefatos da Cultura Negra. Membro da Associação Brasileira de Pesquisadores Negros (ABPN) e da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd). E-mail: cicera.nunes@urca.br